



GÊNERO, LÍNGUA E IMIGRAÇÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE DIZERES DE BRASILEIRAS IMIGRANTES EM UM CANAL NO YOUTUBE

Marília Iraci Damasceno Carvalho
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Dra. Mariana Rafaela Batista Silva Peixoto
Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Resumo: A imigração configura-se como um fenômeno complexo, atravessado por fluxos transnacionais que articulam dimensões econômicas, políticas, subjetivas e socioculturais. No contexto estadunidense, especificamente, tem-se observado um aumento da presença de migrantes latino-americanos, incluindo brasileiros, em busca de melhores condições de vida. Nesse movimento, nota-se também a participação crescente de mulheres oriundas do leste de Minas Gerais que migram para o país não apenas como acompanhantes de familiares ou cônjuges, mas como sujeitos que constroem projetos próprios e assumem posições ativas em suas trajetórias. Partindo desse recorte, este trabalho debruçou-se sobre a relação entre gênero, língua e imigração, ancorando-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso em diálogo com os estudos de gênero, com o objetivo de problematizar os modos como língua e gênero atravessam as experiências migratórias de mulheres brasileiras. O corpus foi constituído por quatro vídeos de um canal no YouTube, nos quais brasileiras narram experiências de travessia ilegal para os Estados Unidos. A análise da materialidade linguístico-discursiva apontou que, nos dizeres dessas mulheres, materializam-se discursos de matriz neoliberal, bem como dimensões afetivas do deslocamento, o que produz efeitos simultâneos de sujeição e resistência. Nesse quadro, foram cartografadas representações que convocam mulheres migrantes à autossuperação, à produtividade e ao empreendedorismo de si, ao mesmo tempo em que as inscrevem em formações discursivas religiosas.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Migração; Gênero e Língua.

GENDER, LANGUAGE AND IMMIGRATION: A DISCURSIVE ANALYSIS OF BRAZILIAN IMMIGRANT WOMEN'S NARRATIVES ON A YOUTUBE CHANNEL

Abstract: Migration is a contemporary phenomenon of great complexity, marked by transnational flows that intertwine economic, political, and sociocultural dimensions. In the United States, in particular, there has been a significant influx of Latin American immigrants, including Brazilians, primarily motivated by the pursuit of better living conditions. Within this process, the increasing participation of women has become

evident, characterizing the feminization of migration. This trend has been especially expressive among women from the eastern region of Minas Gerais who move to Boston, Massachusetts, and who, rather than simply accompanying relatives or spouses, develop their own mobility projects and assume protagonism in their migratory trajectories. In this context, the present study focuses on the relations among gender, language, and migration, aiming to contribute to discussions in the fields of Discourse Analysis and intersectional feminist studies regarding the ways in which language and gender intersect in Brazilian women's migratory experiences. More specifically, it seeks to (i) analyze representations of gender and language in women migrants' discourses and (ii) problematize the relations between gender and language within the phenomenon of migration in contexts permeated by restrictive policies and discourses of control and exclusion, particularly in the U.S. reality. The corpus comprises four videos from a YouTube channel in which women share their experiences of illegal border crossing. The theoretical and methodological framework is grounded in the French-Brazilian tradition of Discourse Analysis in dialogue with gender and migration studies, drawing on works by Authier-Revuz (2004), Brandão (2004), Orlandi (2005), Coracini (2003), and Peixoto (2017). The analyses show that Brazilian migrant women's narratives are traversed by discourses that articulate neoliberal rationality and the affective experience of displacement, producing gestures of both subjection and resistance. Their voices reveal representations that call on migrant women to embrace self-improvement, productivity, and self-entrepreneurship while simultaneously engaging in religious discursive practices.

Keywords: Discourse Analysis; Migration; Gender and Language.

1.Introdução

A migração constitui um fenômeno inerente à história da humanidade, mas que, nos últimos anos, tem sofrido impactos significativos, especialmente em decorrência da conjuntura pandêmica. A necessidade de conter a propagação do vírus levou diversos países a impor restrições à entrada de imigrantes, baseados por critérios como nacionalidade e procedimentos sanitários¹. Embora tais medidas se sustentem no discurso da proteção da saúde pública, observa-se que elas também se inscrevem em estratégias políticas, revelando a imbricação entre práticas sanitárias e discursos de controle. Os deslocamentos populacionais recentes evidenciam, assim, como as políticas migratórias têm reforçado mecanismos de vigilância fronteiriça, expondo a face excludente da globalização e a seletividade dos fluxos transnacionais. Isso demonstra que a circulação global não é universalmente garantida, mas marcada por barreiras que adquirem contornos autoritários, sobretudo em países sob a influência de governos de

¹ Dados disponíveis em: Os efeitos da Covid-19 sobre os fluxos imigratórios no Brasil - Museu da Imigração. Acesso em setembro de 2025.

extrema-direita, como é o caso dos Estados Unidos, onde se intensificaram deportações e políticas restritivas, em contraste com legislações de países latino-americanos, como o Brasil.

Pese esse cenário, a busca por melhores condições de vida, sobretudo de segurança econômica, se configure como motivação central para a emigração, a experiência migratória transforma-se em um projeto de vida individual, mas também familiar. Em tal contexto destaca-se o protagonismo crescente das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos², provenientes de centros urbanos ou de pequenas cidades brasileiras, em direção aos Estados Unidos. Particularmente, essas mulheres enfrentam a condição de migrantes indocumentadas e, simultaneamente, os desafios impostos pela barreira linguística, o que as posiciona como grupo social de relevância analítica no estudo das dinâmicas migratórias atuais.

Enquanto mulher e moradora de Governador Valadares, cidade mineira cuja história é atravessada por intensos fluxos migratórios para os Estados Unidos, a proximidade com esse fenômeno constituiu-se como condição de possibilidade para que eu pudesse refletir sobre dimensões frequentemente apagadas ou marginalizadas no debate público e acadêmico. Entre tais dimensões, está a centralidade da presença feminina nos projetos migratórios, aspecto constitutivo, mas sistematicamente silenciado ou secundarizado nas narrativas locais e familiares. Observei, por exemplo, que os relatos sobre imigração que circulavam em minha comunidade se organizavam prioritariamente em torno de questões econômicas, nas quais sentidos de lucro e de melhoria de vida ocupavam posição central, ao passo que questões relacionadas à condição feminina migratória, por exemplo, eram relegadas à invisibilidade. Essa lacuna evidenciou, para mim, a necessidade de problematizar os modos pelos quais as experiências migratórias femininas, atravessadas por relações de poder e por condições materiais específicas, reconfiguram não apenas os sentidos da mobilidade, mas também as formas de pertencimento e resistência produzidas em contextos transnacionais. Nesse percurso, destaca-se, para mim, ainda o (não-)lugar atribuído ao aprendizado da língua inglesa, aspecto que, ao mesmo tempo, em que se apresenta como instrumento de inserção social e econômica, é frequentemente silenciado ou naturalizado nos dizeres sobre a migração.

² Disponível em: *Feminização das migrações: o protagonismo social das mulheres migrantes - O Estrangeiro*. Acesso em setembro de 2025.

O interesse por esta pesquisa se constitui, portanto, em duas frentes principais: de um lado, a construção de um imaginário social em torno do país de destino os EUA, responsável pela intensificação dos fluxos migratórios na região de Governador Valadares; de outro, as narrativas sobre a imigração, especialmente aquelas que remetem às situações extremas da travessia México–EUA, as quais revelam dimensões pouco tematizadas no debate público, como a condição das mulheres no processo migratório. Ademais, enquanto licencianda em Letras/Inglês, e futura professora dessa língua, o contato com os estudos de Linguística Aplicada e da Análise do Discurso me possibilitou compreender a língua para além de sua dimensão instrumental, concebendo-a como prática social e atravessada por relações de poder. A partir dessa compreensão, tornou-se possível, então, estabelecer o objeto de estudo desta pesquisa; qual seja: as relações entre imigração, língua e gênero.

Nesse escopo, esta investigação foi delineada tendo como objetivo geral contribuir para as discussões, nos campos da Análise de Discurso e dos estudos de gênero, acerca dos modos como língua e gênero se articulam nas experiências migratórias de mulheres brasileiras, buscando especificamente:

(i) estudar as representações de gênero e língua em dizeres de mulheres imigrantes e (ii) problematizar as relações entre gênero e língua a partir do fenômeno da imigração em contextos permeados por políticas restritivas e por discursos de controle e exclusão, com destaque para a realidade estadunidense. O *corpus* constituiu-se de quatro vídeos de um canal no YouTube, nos quais mulheres compartilham suas experiências de travessia ilegal. Como veremos, a fundamentação teórico-metodológica, ancorou-se na Análise do Discurso em diálogo com estudos de gênero e migração, mobilizando, entre outros, os trabalhos de Authier-Revuz (2004), Brandão (2004), Orlandi (2005), Coracini (2003) e Peixoto (2017).

Para a apresentação do estudo em questão, este texto foi organizado em nove seções, sendo esta introdução a primeira. Inicialmente, traço um panorama histórico da migração em Governador Valadares. Em seguida, desenvolvo uma discussão teórica sobre os principais conceitos da Análise do Discurso que embasaram a análise do corpus. Na sequência, apresento uma seção dedicada às relações entre língua, identidade e imigração. Posteriormente, problematizo o fenômeno migratório a partir da perspectiva dos estudos de gênero. Depois, descrevo a metodologia utilizada, explicitando os procedimentos analíticos adotados. Na parte seguinte, analiso excertos dos vídeos

selecionados, com o objetivo de expor e discutir os resultados da investigação. Por fim, apresento as considerações finais, nas quais sintetizo as principais contribuições do estudo e indico possibilidades de desdobramentos futuros.

2. Um breve histórico da imigração em Governador Valadares

A Microrregião de Governador Valadares é composta por cidades situadas no Vale do Rio Doce. Sua localização geográfica é considerada estratégica, uma vez que o município-polo, Governador Valadares, encontra-se em posição central que favorece o acesso à capital mineira, Belo Horizonte, aos estados do Espírito Santo e do Rio de Janeiro, bem como à região Nordeste, em especial ao estado da Bahia. A presença e a influência norte-americana na região remontam ao período de expansão do mercado da mica³ e da reconstrução da estrada de ferro Vitória–Minas, em parceria com a Companhia Vale do Rio Doce. Nesse contexto, consolidou-se uma rede de oportunidades que, inscrita no imaginário social, articulava os eventos locais à visão capitalista associada aos Estados Unidos. Conforme aponta Margolis (2013), nesse período chegaram a Governador Valadares técnicos oriundos da região de Boston, especializados em mineração, para compartilhar seus conhecimentos sobre a extração de mica e minério, posteriormente exportados para os Estados Unidos. A partir dessa colaboração, empresários norte-americanos firmaram acordos comerciais com a Vale do Rio Doce, atraídos também pelas jazidas de pedras preciosas existentes na região. A chegada desses profissionais, contratados para atuar na Companhia, implicou a construção de novas moradias de longa duração, que introduziram na paisagem local o estilo arquitetônico americano e padrões de conforto até então desconhecidos pela população. Segundo Moreira (2016), os norte-americanos foram responsáveis por inserir elementos da modernidade na região, como a energia elétrica e a lógica do consumo, além de projetarem um modelo de *status* socioeconômico que passou a exercer forte influência no imaginário local.

O *status* socioeconômico que os norte-americanos possuíam exerceu forte impacto simbólico sobre a população local, contribuindo não apenas para a valorização da língua inglesa, mas também para a emergência do imaginário emigratório na região. Como observa Sayad (1998, p. 14):

³ Mica: Mineral brilhante e friável, abundante nas rochas eruptivas e metamórficas, constituído de silicato de alumínio e de potássio. <https://www.dicio.com.br/mica/>. Acesso em 10 de janeiro de 2026.

(...) como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal- e, mesmo assim não é absolutamente certo, pois o emigrante pode ser esquecido como tal pela sociedade de emigração mais facilmente e antes mesmo que tenha deixado de ser chamado com o nome de imigrante. (Sayad, 1998, p.14)

A imigração e emigração precisam ser articuladas juntas, configurando-se como duas dimensões de uma mesma realidade. Em uma análise minuciosa, o migrante é, simultaneamente, um emigrante, uma dualidade que permeia sua trajetória. A imigração não se configura como um fenômeno isolado; ela é concebida em conjunto, considerando um ponto de partida (emigração) e um ponto de chegada (imigração). Trata-se de processos contínuos que conectam duas sociedades. Ao levar em consideração essa perspectiva, a convivência com os costumes norte-americanos e a valorização do consumo despertaram, assim, entre os valadarenses, o desejo de emigrar. Nesse processo, um marco importante foi a criação de uma escola de inglês na cidade e a circulação de narrativas de jovens intercambistas que, ao regressarem, divulgavam na imprensa local representações idealizadas da “vida americana”. Segundo Assis e Siqueira (2009), os primeiros emigrantes desempenharam papel fundamental ao estruturar redes de apoio que garantiam a continuidade do fluxo migratório, reforçado a partir da década de 1980. Nas décadas seguintes, esse movimento se intensificou, reconfigurando-se com a ascensão das redes sociais e com a institucionalização de rotas migratórias, sobretudo a partir dos anos 1990, quando excursões de ônibus partiam de Governador Valadares em direção ao consulado norte-americano no Rio de Janeiro. A percepção de critérios discriminatórios na concessão de vistos, baseados na localização geográfica, levou muitos a buscarem alternativas, principalmente a rota via México.

Na década de 2000, registrou-se novo aumento da emigração brasileira, acompanhado pelo fortalecimento da travessia México–EUA. A repercussão de casos de brasileiros detidos na fronteira levou, em 2005, à instauração da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPMI) da Emigração no Brasil e à suspensão do acordo de isenção de vistos por parte do México. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, atualmente,

aproximadamente 1,8 milhão de brasileiros vivem nos Estados Unidos⁴. Segundo o governo brasileiro, há 384.000 cidadãos do país residentes em Massachusetts⁵, dos quais cerca de 60.000 imigrantes são oriundos de Governador Valadares ou pertencem à microrregião do Vale do Rio Doce⁶, o que impacta diretamente a demografia e a economia da região. Municípios como Alpercata, integrante da microrregião, chegaram a ser classificados como “cidades fantasmas”, em razão do esvaziamento populacional e da consequente queda na oferta de serviços e matrículas escolares⁷.

Essas transformações também alteraram o perfil migratório: se, inicialmente, a mobilidade era majoritariamente masculina e centrada no provedor do lar, nas últimas décadas a participação feminina tornou-se central. A presença das mulheres evidencia-se tanto na composição familiar dos fluxos quanto na organização de estratégias de proteção durante a travessia, marcada por situações de violência, extorsão e vulnerabilidade. Como mostra Moreira (2016, p.94), muitos agenciadores locais, conectados a redes criminosas no México, participam de esquemas de sequestro e tráfico de pessoas, cenário em que a vulnerabilidade das mulheres é intensificada. Relatos de migrantes indicam que, diante do risco de assédio, estratégias discursivas e práticas de sobrevivência são mobilizadas, como declarar vínculo conjugal fictício com homens do grupo, com o objetivo de reduzir a exposição à violência.

3. Análise de Discurso: conceitos basilares

A Análise do Discurso (AD) parte da compreensão de que o sentido não está presente em frases isoladas, mas se forma no âmbito do discurso, ou seja, no contexto histórico, ideológico e social em que ocorre a enunciação. Assim, essas mulheres migrantes quebram o silêncio ao compartilhar suas vivências e apresentam narrativas complexas de resistência e vulnerabilidade. Elas mostram como negociam papéis de gênero e constroem novas identidades em diferentes contextos, utilizando frequentemente as mídias sociais para amplificar suas vozes e criar redes de apoio.

⁴ Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/BrasileirosnoExterior.pdf>. Último acesso em 19 de setembro de 2025.

⁵ Disponível em: Instituto Diáspora Brasil atualiza perfil da comunidade brasileira em MA | Instituto Diáspora Brasil. Último acesso em 19 de setembro de 2025.

⁶ Disponível em: Governador Valadares: deportações de Trump abalam a principal 'exportadora' de imigrantes do Brasil. Acesso em setembro de 2025.

⁷ Disponível em: Avanço em migração para os EUA na pandemia esvazia cidade mineira de Alpercata | CNN Brasil. Acesso em setembro de 2025.

Portanto, os conceitos de linguagem, sujeito, sentido, discurso, história e ideologia são fundamentais para compreender sua abordagem teórica. Conforme lembra Orlandi (1999), a AD:

não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 1999, p. 15).

Ao compreender o discurso como prática de linguagem, Orlandi (1999) enfatiza sua materialidade: as palavras não são apenas portadoras de significados fixos, mas mobilizam sentidos em relação à história e às condições de produção em que emergem. O discurso é movimento: atravessado por ideologias, pela memória discursiva e pelas posições de sujeito que o constituem. Nessa perspectiva, língua, sujeito e história se entrelaçam, e os sentidos são sempre efeitos desse entrelaçamento. Assim, a fala ultrapassa a dimensão textual ou normativa e se inscreve como prática social produtora de significados.

O sujeito, por sua vez, é concebido como histórico e ideológico, constituído na e pela linguagem. Brandão (2004) reforça essa dimensão ao afirmar que “a noção histórica é fundamental, pois, porque é marcado espacial e temporalmente, o sujeito é essencialmente histórico. [...] Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social” (p. 59). Dessa forma, o sujeito projeta-se discursivamente no tempo e no espaço, situando-se em relação aos discursos do outro, em um constante processo de identificação e de produção de sentidos.

A teoria pecheutiana, que fundamenta a AD, parte da rejeição à neutralidade da linguagem: não há uso inocente da língua, pois todo dizer é atravessado por formações ideológicas e por condições materiais de produção. O discurso, nesse sentido, é o lugar em que se pode observar a articulação entre língua e ideologia (Orlandi, 1999). É nele que os sentidos se constituem e circulam socialmente, configurando relações de poder e disputas simbólicas. A análise discursiva, portanto, busca compreender como tais sentidos se estabilizam, se deslocam e se transformam no interior das práticas discursivas.

A linguagem, nos estudos discursivos, não é vista como uma estrutura rígida, mas como um campo de mobilidade de sentidos. As expressões metafóricas e os deslocamentos semânticos revelam que o significado é sempre provisório e político,

sujeito a tensões e contradições. Assim, a AD se dedica a examinar as ideologias que atravessam os discursos e as formas pelas quais o poder se manifesta nas práticas de linguagem.

Como destaca Brandão (2004, p. 25), o discurso é “a materialidade ideológica”, isto é, o lugar em que as ideologias ganham existência concreta. Essa concepção implica que a análise do discurso deve considerar não apenas as palavras, mas o contexto de sua enunciação, as relações de poder que as sustentam e as posições de sujeito que delas emergem. Brandão (2004, p.42) reforça ainda que o discurso não é mera representação do mundo, mas uma forma de construí-lo simbolicamente: “um mundo em significado”.

Florêncio (2009, p. 26) sintetiza essa perspectiva ao afirmar que “o discurso não se confunde com a língua, nem com a fala, nem com o texto; [...] é o acontecimento que articula a atualidade a uma rede de memória. Todo discurso é índice de agitação nas filiações sócio-históricas”. A língua, portanto, manifesta-se no discurso, mas o ultrapassa: é atravessada pela história, pela ideologia e pela experiência social. Nesse processo, linguagem e sujeito se constituem mutuamente, em movimentos de identificação, subjetivação e construção da realidade.

4. Língua, identidade e migração

O fenômeno migratório contemporâneo, especialmente o protagonizado por mulheres brasileiras nos Estados Unidos, evidencia a complexa relação entre língua, identidade e pertencimento. A migração, mais do que um deslocamento geográfico, implica também um deslocamento simbólico e discursivo: ao adentrar outra cultura e outro idioma, essas mulheres se confrontam com novas formas de nomear o mundo e de se inscrever nele. É nesse contexto que a discussão sobre a língua se torna central para compreender suas trajetórias e modos de subjetivação, uma vez que a linguagem não apenas media a comunicação, mas constitui o próprio modo de ser e estar no mundo.

Com a expansão contínua das formas de comunicação global, aprender um novo idioma deixou de ser um diferencial e tornou-se uma necessidade para a inserção social e profissional no mundo contemporâneo. Nesse cenário, a língua inglesa se destaca como um meio de interconexão entre culturas, economias e identidades. Mais do que uma ferramenta de comunicação, ela se configura como um espaço simbólico de circulação de sentidos, em que se constroem pertencimentos, subjetividades e fronteiras culturais.

Aprender inglês, portanto, vai além da aquisição de um código linguístico: trata-se de um processo de atravessamento entre culturas e de (re)significação da própria identidade. Assim, a representação da língua – e de quem a fala – demanda compreender a língua como um sistema de representação e, simultaneamente, como constitutiva dos sujeitos.

Coracini (2014, p.7) propõe uma reflexão essencial sobre esse movimento ao afirmar que “a língua materna é a que sabemos, a que fala de nós; a que conhecemos é a língua estranha, a língua do outro. Compreendemos essa nova língua a partir da primeira, que nos constitui como sujeito”. Essa afirmação explicita o caráter constitutivo e relacional da linguagem: o sujeito é sempre atravessado por outras línguas, outras vozes, outros discursos. Nesse sentido, a aprendizagem de uma língua estrangeira coloca em cena não apenas o domínio técnico de um idioma, mas a experiência de se confrontar com o outro e, nesse confronto, reconhecer-se como sujeito de linguagem.

Ao direcionar o olhar para o fenômeno da imigração, observa-se que a língua adquire sentidos específicos para o sujeito migrante. Ela funciona, simultaneamente, como instrumento de adaptação, marcador de pertencimento e fronteira simbólica entre inclusão e exclusão. A língua torna-se, portanto, um dos eixos centrais da experiência migratória: ela media a inserção do indivíduo em uma nova sociedade, marca as tensões identitárias e evidencia o movimento constante entre o familiar e o estrangeiro⁸. Além disso, a língua “que se leva” sofre inevitáveis transformações ao entrar em contato com a língua “do outro”, processo que resulta na incorporação de vocábulos, expressões e modos de dizer, fenômeno que revela o caráter vivo, híbrido e dinâmico da linguagem.

Grande parte dos estudos sobre emigração de brasileiros para os Estados Unidos tende a privilegiar aspectos econômicos e sociais, colocando a questão linguística em plano secundário. No entanto, o domínio (ou a ausência dele) da língua inglesa constitui-se como um dos elementos mais determinantes na experiência cotidiana desses sujeitos. A dificuldade de comunicação impacta diretamente o acesso ao trabalho, à educação e à convivência intercultural. Como observa Assis e Siqueira (2009), os recém-chegados assumem, em geral, os trabalhos mais pesados, justamente por não se exigir o domínio da língua inglesa. Com o tempo e com o aumento da proficiência linguística, tornam-se

⁸ Estrangeiro: Estrangeiro (do latim *extraneu*-, “exterior”, “de fora”; “que não pertence à família”, “estranho”) é aquele que tem nacionalidade ou naturalidade diferente da do país onde está; que pertence ou sente que pertence a outra região, a outro grupo, a outra classe ou a outro meio que não aquele onde se encontra. <https://dignipediaglobal.pt/dicio-nario-pedagogico/estrangeiros-2>. Acesso em 15 de janeiro de 2026.

capazes de ocupar posições mais bem remuneradas e menos exaustivas; um percurso em que a língua se revela como marcador de mobilidade social.

Nessa mesma direção, Lucas (2021) destaca que o empreendedorismo surge como alternativa para muitos imigrantes que enfrentam barreiras linguísticas. A língua, nesse caso, é também um instrumento de resistência: ela delimita o espaço entre a vulnerabilidade e a possibilidade de autonomia. Peixoto (2017) aprofunda essa reflexão ao afirmar que “mesmo que, a partir do fio do dizer, tenha sido possível rastrear a voz do outro e a necessidade de satisfazer o desejo do outro, aprender uma língua dita estrangeira requer muito mais do que imposições; requer um trabalho de cortes, de cisões e escrit(ur)a no corpo do sujeito” (Peixoto, 2017, p. 77).

O aprendizado, portanto, não é apenas uma tarefa intelectual, mas uma experiência corporal e subjetiva, marcada por deslocamentos identitários e afetivos. Bizzocchi (2021, p. 97) acrescenta, por sua vez, que “nossa língua é nossa realidade, é por meio dela que pensamos e conhecemos a vida ao nosso redor”. Ao aprender uma nova língua, especialmente em contextos de migração, o sujeito depara-se com outra forma de significar o mundo, o que pode tanto ampliar horizontes quanto provocar sentimentos de inadequação e estranhamento.

Em síntese, discutir a questão linguística no contexto migratório é reconhecer que a língua não é apenas meio de comunicação, mas também território de disputas simbólicas, de resistência e de (re)construção identitária. A língua materna, mesmo em deslocamento, persiste como marca de pertencimento e de memória. No entanto, ao atravessar fronteiras, ela também se reconfigura no contato com a língua do outro. Peixoto (2017) sintetiza esse movimento ao afirmar que “ainda que haja uma resistência e um desejo de perpetuar e habitar o território de ‘origem’, ao deslocar-se espacialmente, corpo e língua são (re)significados no e pelo confronto entre a língua dita materna e a estrangeira” (p. 112). O sujeito migrante, portanto, habita um entre-lugar: espaço de tensão e criação, em que as línguas-culturas que o constituem se misturam, se chocam e se transformam.

5. Gênero e imigração

Desde o início do século XXI, o deslocamento humano tornou-se um fenômeno cada vez mais complexo e multifacetado. Pessoas de diferentes origens movem-se por motivos

econômicos, políticos, afetivos e de sobrevivência. Paralelamente à intensificação desses fluxos, observa-se também o endurecimento das políticas migratórias e o fortalecimento dos mecanismos de controle nas fronteiras. Nesse contexto de mobilidade global tensionada por restrições, a migração feminina emerge como um fenômeno em expansão e de relevância crescente, impulsionada pela busca por autonomia, melhores condições de vida e pela necessidade de escapar de contextos de violência e desigualdade.

As mulheres latino-americanas, em especial, têm ocupado papel expressivo nesses movimentos, ainda que frequentemente invisibilizadas. A invisibilidade decorre não apenas da condição de gênero, mas também de fatores socioeconômicos e legais: muitas delas são migrantes indocumentadas, vivendo em situações precárias e sem amparo jurídico. A ausência de uma abordagem de gênero nas políticas migratórias internacionais reforça essa invisibilidade, uma vez que a legislação raramente reconhece as especificidades da experiência feminina em contextos de mobilidade, mantendo o discurso da neutralidade de gênero como se migrar fosse uma vivência homogênea.

Essa invisibilidade é histórica. Durante décadas, a narrativa migratória foi escrita sob uma perspectiva masculina. Conforme observa Assis e Siqueira (2009), os homens eram representados como sujeitos ativos do deslocamento – os que partiam em busca de trabalho –, enquanto as mulheres eram retratadas como figuras secundárias, acompanhantes de maridos e filhos. No caso brasileiro, essa lógica patriarcal se refletia em um projeto migratório essencialmente masculino: o homem como provedor e a mulher como guardiã do lar, encarregada dos cuidados familiares e da administração doméstica.

Com o passar do tempo, contudo, essa configuração se transforma. A migração deixa de ser apenas um projeto individual e masculino para tornar-se uma estratégia familiar e coletiva, em que a mulher desempenha papel central tanto na decisão quanto na execução do deslocamento. Embora a presença masculina ainda predomine numericamente, a crescente participação feminina introduz novas dinâmicas – emocionais, relacionais e simbólicas – que demandam atenção específica. A presença das mulheres traz à tona dimensões subjetivas do fenômeno migratório, como o medo, a vulnerabilidade e a força emocional necessária para romper fronteiras físicas e simbólicas. Moreira (2016), ao analisar a violência contra migrantes no México, evidencia esse contraste de percepções ao afirmar que “os homens falam do que viram; as mulheres

falam do que viveram”, (Domingues *apud* Moreira, 2016, p.197), destacando o caráter experiencial e afetivo da migração feminina.

Outro aspecto essencial para compreender a migração feminina é o papel das redes sociais e afetivas. A migração raramente é uma decisão solitária: ela se articula em torno de vínculos de amizade, parentesco e vizinhança que sustentam o deslocamento e facilitam a inserção no novo contexto. Assis e Siqueira (2009) afirmam que a migração deve ser entendida não apenas como escolha racional de um indivíduo, mas como estratégia coletiva: “a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança em que as mulheres inserem-se ativamente.” (Assis e Siqueira, 2009, p.30)

Essas redes são fundamentais para a sobrevivência material e simbólica das mulheres, mas não as protegem completamente dos riscos inerentes ao processo migratório. No caso da travessia irregular rumo aos Estados Unidos, por exemplo, o percurso pelo México constitui uma das etapas mais perigosas. Além do desgaste físico imposto pelas longas caminhadas e pela escassez de água, essas mulheres enfrentam a ameaça constante de violência sexual, sequestro e exploração, muitas vezes perpetradas pelos próprios coiotes. Moreira (2016) observa que algumas viajam acompanhadas de filhos pequenos, aproveitando-se de uma brecha legal que impede a deportação imediata de crianças e adolescentes, uma estratégia de sobrevivência que expõe, ao mesmo tempo, a vulnerabilidade e a coragem dessas mulheres.

Os relatos sobre essas travessias também refletem as diferenças de gênero na forma de narrar a experiência. Assis (2007, p.760) aponta que os homens costumam descrever a travessia como prova de coragem e aventura, enquanto as mulheres, ao relatarem suas histórias, enfatizam o fato de “ter corrido tudo direitinho” – ou seja, a ausência de violência ou de desrespeito. Essa diferença discursiva revela não apenas modos distintos de vivenciar o deslocamento, mas também estratégias narrativas de autoproteção e de afirmação da dignidade em meio ao risco e à ilegalidade.

Para muitas dessas mulheres, o sucesso da travessia significa não apenas chegar a um novo país, mas vencer um sistema que as marginaliza e desafiar a lógica que as reduz à condição de vítimas. Mesmo antes de migrarem fisicamente, já desempenhavam papéis centrais nas dinâmicas migratórias, gerindo as remessas financeiras enviadas pelos cônjuges e garantindo o sustento dos filhos. Agora, com o protagonismo crescente,

passam a ser as próprias autoras do projeto migratório, seja no âmbito familiar, seja de forma autônoma. Essa reconfiguração implica também novas redes de solidariedade feminina, nas quais avós, irmãs e amigas assumem os cuidados domésticos e maternos, possibilitando que a mulher migre.

Dessa forma, compreender a migração feminina é reconhecer que essas mulheres são mais do que coadjuvantes de histórias masculinas: são agentes de transformação que, ao atravessar fronteiras geográficas, também deslocam fronteiras simbólicas: de gênero, de classe e de língua(gem). Suas trajetórias evidenciam a potência política do movimento e a necessidade de repensar a migração sob uma perspectiva interseccional, que também considere simultaneamente as dimensões de gênero, raça, corpo e território e outros marcadores.

6. Metodologia

Como apontado anteriormente, esta pesquisa fundamenta-se no referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) de tradição franco-brasileira. Segundo Brandão (2005, p. 44), a contribuição de Pecheux reside no entendimento de que os protagonistas do discurso se manifestam não apenas de maneira individual, mas também como representações de lugares e como estruturas sociais. Considerando que o dispositivo analítico desenvolvido nesse campo se volta para a compreensão dos efeitos de sentido produzidos nas materialidades linguístico-discursivas, a investigação assume caráter qualitativo-interpretativista. Tal orientação metodológica justifica-se pelo fato de que o objetivo não é quantificar ocorrências ou estabelecer correlações estatísticas, mas compreender os modos como determinados discursos se constituem, se estabilizam e se deslocam nas condições históricas e ideológicas de sua produção.

Nessa perspectiva, a análise busca problematizar o funcionamento discursivo de enunciados que tematizam a experiência migratória, interrogando os silenciamentos, os deslocamentos de sentido e as posições de sujeito que emergem nos dizeres. O enfoque qualitativo-interpretativista, articulado à AD, possibilita apreender os processos de significação que atravessam as narrativas de mulheres migrantes, evidenciando como língua, gênero e poder se entrelaçam na constituição dos sentidos e na produção de subjetividades em contextos de deslocamentos migratórios.

O *corpus* desta pesquisa compõe-se de quatro vídeos extraídos do canal da youtuber Eliane Farmer. A escolha desse material fundamenta-se na relevância discursiva das produções audiovisuais disponíveis no canal, que reúne um conjunto expressivo de narrativas sobre a experiência migratória de mulheres brasileiras nos Estados Unidos. A autora do canal, ela própria imigrante, compartilha suas vivências e, em diversos momentos, entrevista outras brasileiras, o que possibilita observar a circulação de diferentes vozes e posicionamentos sobre o fenômeno migratório. Por serem disponibilizados em meio digital e de amplo acesso, esses vídeos configuram materialidades discursivas significativas, pois tornam visível o modo como as mulheres se narram, constroem pertencimentos e produzem sentidos sobre suas trajetórias e identidades no exterior. Os vídeos selecionados encontram-se descritos na tabela a seguir:

Tabela 1

Título do Vídeo	Duração
De Governador Valadares para os EUA	34 min e 52 s
Conheça a história da Adriana e como ela chegou aos EUA	33 min e 46 s
Família que foi deportada e sequestrada no México	1h e 2 s
Brasileira ficou rica com limpeza nos Estados Unidos	48 min e 12 s

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir da descrição dos vídeos analisados

A análise do *corpus* será orientada pelo batimento entre intradiscurso e interdiscurso, conforme proposto na tradição pecheuxtiana da AD. Essa articulação permite observar, de um lado, o funcionamento linguístico dos enunciados em sua materialidade imediata (intradiscurso) e, de outro, os atravessamentos da memória discursiva e das formações ideológicas que sustentam a produção de sentidos (interdiscurso) (Pêcheux, 2009 [1969]; Orlandi, 1999). Assim, o interesse analítico não recai sobre o conteúdo manifesto das narrativas, mas sobre os modos pelos quais determinados dizeres se legitimam, se deslocam ou são silenciados em função das condições de produção que os tornam possíveis (Courtine, 2009).

Os excertos analisados foram selecionados por sua pertinência em relação aos objetivos específicos da pesquisa, especialmente por evidenciarem o tensionamento entre

língua, gênero e migração. Esses fragmentos revelam a heterogeneidade constitutiva do discurso (Authier-Revuz, 1998), notadamente nos modos pelos quais se entrecruzam vozes diversas — da política migratória, do imaginário social, das práticas de gênero — produzindo efeitos de sentido singulares nas narrativas das mulheres. Assim, a escolha dos excertos não se pauta por critérios quantitativos, mas pela relevância analítica de cada recorte discursivo dentro do processo interpretativo mais amplo que este estudo busca problematizar.

7. Resultados de análise

Nesta seção, almejamos expor, a partir da ideia central, a migração de mulheres e as dinâmicas que se desenrolam ao longo desse trajeto, bem como os eixos que interconectam os comportamentos e a utilização da língua. Com esse objetivo, foram identificadas três categorias de análise, as quais serão abordadas em relação ao tema. Primeiramente, o anseio que transcende limites dessas mulheres imigrantes em procura de oportunidades. A análise será realizada com base na enunciação das personagens deste trabalho e nos recortes das falas dessas mulheres. Na sequência, procederemos a uma reflexão acerca dos diálogos fronteiriços e suas particularidades linguísticas, ao considerar a possibilidade de ir além das fronteiras por intermédio da linguagem, transformando o *sonho americano* em um ideal de prática social por meio da língua. Na seção final, abordamos, de maneira correspondente, as representações linguísticas sob uma ótica neoliberal e na eficiência com uma gestão econômica focada na autogestão, para alcançar metas financeiras ou de produtividade.

Um ponto relevante neste estudo é a humildade migratória⁹ destacada por essas mulheres, que reconhece suas restrições e acolhe o aprendizado e a adaptação em busca da construção de uma nova identidade por meio de seus esforços constantes. Tal fato as insere em uma condição de humildade e observação contínua em relação à nova cultura (língua) e às adversidades, reconhecendo que a vivência migratória constitui um processo de desenvolvimento pessoal. Além da religiosidade adquirida ao longo do trajeto migratório, que expressa a ideia central de que a chegada no novo país é guiada pela

⁹ Humildade Migratória: Termo utilizado pela autora para designar comportamentos como valor de sobrevivência, como adaptação e respeito às regras de uma nova cultura, especificamente ao contexto da imigração nos EUA.

vontade divina, o que é comprovadamente observado na menção às frases religiosas que expressam essa convicção.

Ao apresentar as categorias, abordamos as representações de língua no contexto da migração feminina, com o objetivo de abrir uma discussão sobre a prática de língua de mulheres migrantes brasileiras nos EUA. As informações provêm de fontes de mulheres com características de serem naturais da cidade de Governador Valadares. As entrevistas foram transcritas para análises que integram a totalidade do *corpus*, resultando em um total de quatro recortes de mulheres que residem atualmente na região de Boston. Por fim, realizamos as considerações acerca de cada uma das categorias discutidas, com o objetivo de estabelecer conexões entre os elementos que evidenciam como os discursos se configuram na interação entre mulheres, linguagem e cultura.

7.1. Diálogos fronteiriços: entre a fé, o medo e o desejo

No recorte, Adriana explica os motivos pelos quais não tentou obter o visto para ingressar nos Estados Unidos. Vejamos:

Recorte 1:

Eliane: Então assim... a Adriana está aqui. Há quanto tempo, dois anos, né, Adriana?

Adriana: dois anos.

Eliane: Gente, eu vou contar um pouco da história dela. Então, assim tá aqui dentro da casa dela, o lugarzinho que ela conquistou, né? Que ela já adquiriu, que mora com os filhos dela, e sentir essa energia tão gostosa é algo assim que realmente é muito gratificante. É o que eu bato muito na tecla, assim que aqui é o país das oportunidades, vocês vão descobrir isso agora. Tá bom! Bora lá, Adriana. Adriana, você está aqui há dois anos. O que te fez querer vir para os EUA?

Adriana: Menina, em um tempo atrás, quando eu era mais nova, eu sempre tive vontade, mas, com o tempo, as pessoas te desmotivam, né? "Ah, os EUA não é pra você", "trabalha muito", aí você vai desmotivando, porque as pessoas têm esse poder de tirar os nossos sonhos. Aí, por muito tempo, eu deixei isso acontecer comigo. Não só nessa área, mas em várias outras áreas. Só que chegou uma época eu já tinha ganhado a Anali, já tinha passado muitos anos, aí eu olhei para trás assim. Gente, eu trabalho tanto, eu tinha comprado um lote, né? Foi até o lote que eu vendi para poder vir para cá. Aí chegou uma época que eu falei assim: "O que é arriscar e o que é não arriscar?"

Eliane: E você foi tentar o visto?

Adriana: Não, eu nunca tentei o visto. Por que eu nunca tentei? Porque todo mundo fala: "Nem tenta, porque não vai dar certo. É muito difícil você encontrar alguém na vida que te motiva a seguir. E aí eu fui e falei assim: "Não... teve um dia à noite conversando lá com meu ex-esposo,

porque eu cheguei aqui, eu tava casada e depois eu me separei, eu cheguei aqui, aí eu falei assim. A noite estava fechando minha lojinha, porque eu tinha uma lojinha de lingerie lá em Valadares, né? Aí eu tava fechando e chegou um pessoal lá que a gente morava numa casa de herança, né? Aí discutindo em vender a casa, né? Aí eu pensei assim: "Meu Deus, eu trabalho tanto e o que eu quero mais da vida! Eu quero comprar uma casa pra mim e Deus vai me abençoar. Aí eu falei com ele: "Olha, eu quero ir embora e tal". Aí decidimos, ele falou que vinha, né, e a gente veio.

A narrativa de Adriana revela uma interdição simbólica anterior ao deslocamento físico, isto é, uma barreira discursiva que se impõe antes mesmo do obstáculo jurídico. O enunciado "todo mundo fala" remete a uma voz coletiva – o interdiscurso – que circula socialmente e produz efeitos de verdade sobre o que é possível ou impossível para determinados sujeitos. Essa memória discursiva, sustentada por histórias de fracasso, negativas consulares e estigmas locais, conforma uma espécie de imaginário social da impossibilidade, no qual o desejo de migrar é atravessado por práticas discursivas de desestímulo e descrédito.

A recusa antecipada ao visto não se limita, portanto, a uma decisão individual; trata-se de um gesto de interpretação condicionado por formações discursivas que associam Governador Valadares à emigração ilegal, estigmatizando a cidade como "território de atravessadores" ou "exportadora de ilegais". De acordo com Moreira (2016), esse imaginário tem raízes históricas: muitos emigrantes da região, ao obterem visto de turismo, excediam o período de permanência autorizado nos Estados Unidos, e essa recorrência reforçou a vigilância consular e a suspeição generalizada sobre os solicitantes. Assim, o discurso da negação – "nem tenta, porque não vai dar certo" – não é apenas uma fala corriqueira, mas um efeito ideológico de exclusão, resultado de práticas de poder que delimitam quem tem ou não o "direito de sonhar" com a mobilidade internacional.

Ao dizer "eu vendi o lote para poder vir pra cá", Adriana reinscreve o sonho americano como projeto de risco e sacrifício, materializado na venda de um bem simbólico de estabilidade (a terra) em troca da promessa de ascensão. O ato de "arriscar" é ressignificado: não é apenas uma decisão financeira, mas uma transgressão das fronteiras normativas impostas pelo discurso dominante. A migração, nesse caso, se constrói como gesto de resistência discursiva diante de uma estrutura que nega legitimidade ao seu desejo.

O uso do método "cai-cai" evidencia o deslocamento da questão migratória do plano institucional para o plano das redes paralelas e das estratégias coletivas. Diante do

fechamento dos canais legais de entrada, os sujeitos produzem novas formas de ação que tensionam o sistema normativo, constituindo *modos de agência na marginalidade* (De Certeau, 1998). Esses modos correspondem às práticas inventivas pelas quais sujeitos subalternizados agem dentro das brechas do poder, reapropriando o espaço e os discursos que os excluem. No caso de Adriana, decidir atravessar a fronteira pelo México não é apenas um ato ilegal: é uma forma de agência simbólica, um gesto de resistência que redefine o lugar social da mulher migrante e reconfigura o imaginário da impossibilidade. Assim, ao agir à margem da legalidade, ela não se coloca fora do discurso, mas produz novos sentidos de pertencimento e autonomia dentro dele, operando deslocamentos nas fronteiras entre o lícito e o ilícito, o visível e o invisível, o permitido e o sonhado. Assim, a travessia pelo México, embora precária e arriscada, emerge como possibilidade concreta de realização do sonho: uma forma de “fazer” diante da interdição do “poder fazer”.

No trecho a seguir, Adriana descreve a sensação de gratidão ao cruzar a fronteira utilizando o método ilegal.

Recorte 2:

Eliane: Você tem uma ideia de quanto tempo vocês andaram?

Adriana: Nós andamos 1h30. Na verdade, nós não precisava de ter andado isso tudo, porque o nosso grupo era muito agitado nos passou do lugar.

Eliane: Ah!

Adriana: Era pra ter entrado em uma entrada e nós passamos, então, aí quando a polícia pegou a gente, porque os policiais americanos, né, que aborda a gente, ele teve que voltar com nós. Olha pra você ver como é que Deus é bom, porque, como ele pegou nós já fora, ele poderia ter mandado nós voltar, mas ele levou nós para dentro.

Eliane: gente, olha que interessante, né. Aí trouxe vocês para dentro da imigração dos EUA.

A fala de Adriana traz marcas linguísticas que evidenciam o entrelaçamento entre medo, fé e desejo: dimensões constitutivas da experiência migratória. O uso do verbo era, no pretérito imperfeito, indica uma expectativa frustrada, um planejamento que não se concretizou e, ao mesmo tempo, revela o caráter incerto e contingente da travessia. A expressão “olha pra você ver como é que Deus é bom” desloca o acontecimento político para o campo do sagrado, transformando o acaso em milagre e reinscrevendo a fronteira como espaço de provação e graça.

Essa religiosidade discursiva, longe de ser apenas uma marca de fé pessoal, opera como mecanismo de elaboração simbólica do trauma. A fé torna-se linguagem de

resistência frente ao risco e à vulnerabilidade, permitindo à narradora significar o medo e a incerteza em termos de proteção e propósito. Ao atribuir à intervenção divina o sucesso da travessia, Adriana reconstrói o episódio como parte de um destino maior, reinscrevendo-o no repertório de narrativas de superação que sustentam o imaginário migratório valadarense. Nesse gesto, a crença religiosa atua como um modo de reordenar o vivido, conferindo sentido àquilo que, no plano real, foi experiência de risco e desamparo.

No entanto, a fé e a gratidão que permeiam a narrativa não anulam a dimensão política da travessia. Como observa Bauman (2016), o medo e a insegurança também são efeitos de políticas de controle e exclusão, que constroem fronteiras físicas e subjetivas, instaurando uma “cultura do medo” como forma de governo. Assim, o “andar 1h30” relatado por Adriana não é apenas uma informação factual, mas um gesto discursivo que materializa o esforço e o perigo enfrentados na travessia. O corpo em deslocamento torna-se signo dessa tensão: é simultaneamente vigiado e resistente, vulnerável e transgressor. A fronteira, nesse sentido, deixa de ser apenas um limite territorial para se constituir como espaço simbólico de exclusão e desejo, em que o feminino migrante é inscrito no entre-lugar do risco e da esperança.

É justamente nessa ambiguidade que se inscreve a leitura de Anzaldúa (1987), cuja reflexão ilumina a complexidade identitária do sujeito em trânsito. Em *Borderlands/La Frontera*, a autora propõe a fronteira como metáfora do entre-lugar: território híbrido onde coexistem múltiplas culturas, línguas e formas de subjetividade. Habitar a fronteira, para Anzaldúa, é viver a contradição e transformar a dor da separação em potência criativa e consciência mestiça. Sob essa perspectiva, o enunciado de Adriana – “ele levou nós pra dentro” – não se limita a narrar um fato, mas performativiza a passagem: marca, no dizer, o momento em que o corpo atravessa não só o território geopolítico, mas também as fronteiras simbólicas que delimitam pertencimento, gênero e identidade.

Dessa forma, a fala da entrevistada revela que atravessar não é apenas deslocar-se espacialmente, mas reconfigurar-se discursivamente. A travessia constitui o sujeito em movimento, num processo de reinscrição de si diante das línguas, culturas e regimes de poder que o atravessam. O corpo que cruza a fronteira carrega em si a tensão entre vulnerabilidade e agência, exclusão e pertencimento, dimensões que evidenciam o modo como o sujeito migrante se constitui como sujeito de resistência, memória e sentido.

7.2. Discurso, gênero e empreendedorismo de si

Recorte 3:

Eliane: Deixa eu te perguntar. Quanto tempo levou para você montar seu schedule?

Dona do schedule: Eu trabalhava em um escritório de uma cliente. Uma cliente que limpo a casa dela até hoje. Não fala nem oi...nem hi... nem bye. Cheguei pra ela e perguntei. Você não está precisando de uma faxineira? Aí ela respondeu tô tô precisando. A minha casa é bem grandona, não tenho muito dinheiro pra pagar, mas eles são ricos e parentes desse pessoal aqui também.

Eliane: E queria pagar pouco. E você pegou?

Dona do schedule: Peguei! Estava precisando começar. Toda semana comecei a ir lá limpar uma casa imensa. Você podia ir lá.

Eliane: Opá! Vou, uai! Aí você começou com aquela casa?

Dona do schedule: Depois de limpar a casa no dentista, a Cristina me deu a casa dela. Eu trabalhei com uma pessoa 3 anos de helper.

Eliane: Você trabalhou 3 anos de helper. Aí você resolveu montar seu próprio schedule.

Dona do schedule: Isso.

Eliane: Ai, você começou com quantas casas? Você lembra?

Eliane: Um schedule. Para ser um schedule, precisa ser umas 3 casas por dia. No mínimo.

Dona do schedule: A gente começa por uma casa, né?

Eliane: Mas isso que quero te falar, mas daí levou quanto tempo? 3 casas por dia levou quanto tempo para montar o schedule desse de segunda a sexta? Um ano? Dois anos? 3 anos? Você sabe?

Dona do schedule: Ai, eu não lembro! Foi rápido, eu tive duas indicações, o que importa é a indicação das clientes, né?

A narrativa evidencia o modo como o trabalho doméstico se constitui como espaço de inserção possível para a mulher migrante, mas também como território de subalternização. A ausência de diálogo (“não fala nem hi, nem bye”) revela a barreira linguística e simbólica que marca a relação entre patroa e trabalhadora, instaurando um regime de comunicação assimétrico em que o silêncio se torna parte da rotina laboral. Como aponta Sayad (1998), o trabalho que “condiciona a existência do imigrante” não é qualquer um: é aquele que lhe é atribuído e reservado, por ser socialmente desvalorizado, mas economicamente necessário.

Nesse contexto, o domínio da língua cede lugar à competência prática, isto é, ao saber-fazer do corpo e à eficácia do gesto. A entrevistada “não sabia falar nem hi, nem bye”, mas sua permanência no emprego depende menos da comunicação verbal e mais da comunicação funcional do trabalho, mediada por ações concretas e expectativas de produtividade. Esse deslocamento linguístico evidencia que a língua, ainda que ausente

na fala, está onipresente como marcador de exclusão e pertencimento: ela delimita fronteiras simbólicas entre quem serve e quem é servido.

Ao narrar sua progressão – de *helper* a proprietária de *schedule* –, a entrevistada ressignifica a experiência de precariedade como trajetória de sucesso individual, internalizando os valores do discurso neoliberal do empreendedorismo. “Empreender”, nesse imaginário, equivale a transformar a vulnerabilidade em oportunidade, o risco em mérito e o trabalho exaustivo em autossuficiência. A expressão “foi rápido, eu tive duas indicações” revela o deslocamento do sentido de mobilidade: o que antes dependia de políticas públicas ou solidariedade comunitária agora se associa à iniciativa pessoal e à meritocracia.

Sob o ponto de vista discursivo, essa narrativa faz circular o discurso empreendedor de matriz neoliberal, no qual a responsabilidade pelo êxito é individualizada e as desigualdades estruturais são silenciadas. O trabalho doméstico, ainda que inscrito em condições de informalidade e exploração, é recoberto pelo léxico do sucesso – *schedule, clients, indications* – que confere prestígio simbólico a uma ocupação historicamente desvalorizada. A mulher migrante, assim, é interpelada a se ver como “empreendedora de si mesma”, expressão que, como mostram Foucault (2008) e Dardot & Laval (2016), sintetiza a lógica neoliberal de autogestão e autoexploração. Adriana, ao narrar sua ascensão, reitera esse imaginário de autonomia e resiliência, mas também revela a sutileza do controle discursivo, no qual o sucesso individual apaga as condições de desigualdade que o tornam possível.

No recorte 4, Viviane reflete sobre sua relação com a língua inglesa e o processo de aprendizagem em meio ao trabalho e à maternidade. Vejamos:

Recorte 4:

Viviane: Sim, aí a gente cheguei grávida, não podia aprender inglês, ir pra escola. Minha irmã foi pra escola, meu irmão foi pra escola, né? Eu cheguei aqui grávida, então tinha que trabalhar, só que eu sempre eu tudo aquilo que eu decido fazer, eu ligo meu hiperfoco e agora eu vou aprender inglês. Para aprender inglês, a gente tem que voltar à mentalidade igual de criança, ser humilde pra aprender, humilde pra errar e aprender. Os americanos é tão legal que quando você fala a palavra errada, eles repetem o certo na hora. É só você observar. Então, eu nunca falei assim: "Eu óóóó não falo inglês, eu sempre falei assim, eu estou aprendendo o inglês.

Eliane: Entenderam? Pegaram a dica aí, né.

Viviane: Então, eu sempre estou em constante aprendizado o tempo todo. E então assim eu comecei a falar, eu não tenho vergonha, medo de falar, então eu sei a palavra do jeito que eu fui aprendendo, eu fui falando.

Eliane: Eu falo isso muito pras pessoas: "Fale, nem que seja errado, não tenha vergonha, quebra essa barreira, porque vai chegar um momento que éee que você vai parar de se cobrar tanto e aí você vai começar a abrir a cabeça e prestar mais atenção, né.

Viviane: Sabe por que as pessoas não aprendem os adultos? Por que as crianças aprendem inglês em 6 meses e o adulto não? Por causa do orgulho.

Eliane: Ai, o orgulho é o que mata.

Viviane: O adulto ele não quer falhar perto das pessoas, ele não quer errar, ele não quer admitir que ele precisa aprender. Então, quando um adulto é assim, que ele nem tem consciência que é um orgulho, ele acha que é tipo assim, né? Isso impede, é um bloqueio, porque pra gente aprender a gente precisa ser humilde para reconhecer que você sabe mais, então eu tenho que aprender com você. Inclusive, eu estou aprendendo muito, muito aqui, gente. (risos)

A fala de Viviane revela a tensão constitutiva entre trabalho, gênero e aprendizagem linguística. Ao afirmar que “chegou grávida e tinha que trabalhar”, a narradora situa o aprendizado da língua estrangeira dentro de um contexto de urgência material e de responsabilidades familiares, o que evidencia a assimetria de oportunidades entre homens e mulheres, e o modo como o trabalho ocupa o centro da experiência migratória. Como argumenta Assis e Siqueira (2009), as motivações iniciais da migração são majoritariamente econômicas, e a língua surge, nesse contexto, como um meio de sobrevivência, não como projeto de formação.

No entanto, o dizer de Viviane ultrapassa a dimensão pragmática e introduz uma reflexão sobre o ato de aprender e suas implicações subjetivas. Ao dizer que é preciso “voltar à mentalidade de criança”, ela toca, ainda que de forma intuitiva, no que Revuz (1998) conceitua como o retorno ao estado de *infans*: momento em que o sujeito se confronta com a própria falta e com o caráter estrangeiro da linguagem. Aprender uma nova língua, nessa perspectiva, é reencontrar a experiência da vulnerabilidade e da dependência do outro, pois é o outro que, com sua língua, delimita o espaço do dizer possível. Trata-se, portanto, de um processo de reinscrição subjetiva, em que o sujeito é levado a reconhecer sua incompletude e a reconstruir sua relação com a linguagem e com o próprio desejo de falar.

Essa ideia de “ser humilde para aprender” pode, assim, ser interpretada como mais do que um conselho moral, mas uma posição discursiva diante da alteridade linguística. O aprendizado da língua estrangeira requer aceitar o descentramento do sujeito, abandonar a ilusão de domínio da língua materna e permitir que o outro – aquele que fala a língua de acolhimento – o interpele e o transforme. Coracini (2003) lembra que a língua materna é

a que “fala de nós”, enquanto a língua estrangeira é a que nos desloca, expondo-nos a um “fora de si” constitutivo. Nesse sentido, o processo narrado por Viviane – de “errar e aprender” – traduz o movimento de subjetivação pela linguagem, em que aprender a língua do outro implica também aprender a habitar o desconforto de ser estrangeira. Ao afirmar “eu nunca falei: ‘eu não falo inglês’; eu sempre falei: ‘estou aprendendo inglês’”, Viviane realiza um ato de resistência discursiva. Ela recusa a posição de sujeito deficiente – aquele que “não sabe” – e reivindica a de sujeito em processo, deslocando a falta para o devir.

Por outro lado, esse gesto ganha especial relevância quando lido à luz das discussões sobre o discurso neoliberal, que interpela o sujeito a assumir integralmente a responsabilidade por seu sucesso e sua adaptação. O enunciado “estou aprendendo” ressoa essa racionalidade, ao associar o aprimoramento individual à lógica do autoinvestimento e da produtividade de si. Como observa Foucault (2008), o neoliberalismo transforma o sujeito em empresa de si mesmo, convocando-o a gerir a própria vida como capital e a transformar qualquer limitação em oportunidade de aperfeiçoamento. Nesse sentido, a “humildade” de que fala Viviane pode ser lida como traço dessa subjetivação neoliberal: o reconhecimento da falta torna-se requisito para o progresso, e o esforço pessoal, a via legítima de inserção e pertencimento.

No entanto, essa mesma “humildade” também comporta outra dimensão: a dos afetos e dos investimentos subjetivos. Ao reinscrever o aprendizado no campo da sensibilidade, Viviane desloca a noção de performance e reinsere o humano no centro da experiência. Ser humilde, aqui, é também aceitar a própria vulnerabilidade, abrir-se à alteridade da língua e às incertezas do viver migrante. A disposição para “errar e aprender” não se reduz à docilidade neoliberal, mas expressa um modo de resistência, uma tentativa de reconfigurar a relação com o outro e consigo mesma por meio da linguagem.

Esses dois movimentos – o da subserviência e o da subjetivação — não se excluem, mas coexistem em tensão, revelando a contradição constitutiva da experiência migratória (ou de qualquer experiência humana). A “humildade” é, ao mesmo tempo, efeito da interpelação ideológica e estratégia de sobrevivência simbólica; ela tanto reinscreve o sujeito no regime neoliberal de autogestão quanto o permite resistir a ele por meio da criação de sentidos afetivos e comunitários. Assim, o processo de aprender inglês se torna

metáfora dessa contradição: nele, o sujeito migrante se constrói entre a submissão e o desejo, entre a norma e o afeto, entre a adaptação e a reinvenção de si.

8. Considerações finais

Na perspectiva da Análise do Discurso, a língua é compreendida como um sistema vivo e inacabado, permanentemente atravessado por seu exterior: pela história, pela ideologia e pelas condições de produção dos sentidos. Não se trata, portanto, de um conjunto estável de regras, mas de um espaço de movimento, conflito e reconfiguração. A língua é materialidade simbólica e social, onde o sujeito se inscreve, e onde se confrontam memória e atualidade, repetição e deslocamento. É nesse entrecruzamento que os sentidos se abrem para o novo e que a linguagem se revela como campo de disputa e de transformação.

Partindo dessa concepção, as análises apresentadas indicam que o uso da língua pelas mulheres migrantes não se reduz à mera competência comunicativa, mas reflete processos complexos de identificação, pertencimento e resistência. Ao falar (ou silenciar) e se fazer entender em outro idioma, essas mulheres negociam posições de sujeito, reconfiguram vínculos com o país de origem e com o país de destino, e produzem sentidos sobre si e sobre o mundo. As narrativas analisadas mostram que a língua estrangeira é vivida como experiência de travessia simbólica: uma passagem entre línguas, corpos e histórias, em que o falar (ou silenciar) se torna também forma de existir e de se reconstruir.

Esse processo de reconfiguração subjetiva, contudo, é atravessado por contradições próprias do regime neoliberal. Como revelam as entrevistas, a língua e o trabalho são instâncias pelas quais o sujeito migrante é interpelado a se constituir como responsável por seu sucesso, sua adaptação e seu “empreendimento pessoal”. O ideal de autossuficiência, produtividade e aperfeiçoamento contínuo inscreve essas mulheres na lógica do empreendedorismo de si (Foucault, 2008), na qual o valor da vida é medido pelo desempenho e pela capacidade de autogestão. Desse modo, a “humildade”, frequentemente evocada nos discursos, adquire um duplo sentido: é, ao mesmo tempo, traço de subserviência e estratégia de sobrevivência simbólica, uma forma de se ajustar e de resistir.

Nesse ponto, a análise evidencia que a experiência migratória feminina não pode ser lida apenas como sujeição, nem apenas como resistência. Ela é feita de ambivalências. As mesmas práticas discursivas que reproduzem a racionalidade neoliberal – a crença na superação individual, no mérito, na proatividade – também abrem brechas para a emergência de afetos, solidariedades e gestos de reinvenção de si. Ao reinscrever o aprendizado, o trabalho e o sucesso no campo da fé, da esperança e do cuidado, essas mulheres reumanizam o discurso da produtividade, deslocando o foco da performance para a experiência, do rendimento para o sentido.

Assim, compreender o lugar da língua no contexto migratório implica reconhecer que ela é o território das contradições que atravessam o sujeito: entre a norma e o desvio, a submissão e o desejo, a exclusão e o pertencimento. Nas vozes dessas mulheres, a língua estrangeira é simultaneamente instrumento de trabalho e matéria de afeto; é imposição e criação, limite e possibilidade. Suas narrativas revelam que aprender, trabalhar e falar (e silenciar) são formas de resistir, modos de se reinscrever no mundo, mesmo nas margens.

Em síntese, a língua, na experiência dessas migrantes, deixa de ser apenas meio de comunicação e se torna prática de liberdade. É por meio dela que essas mulheres elaboram o vivido, constroem laços, desestabilizam hierarquias e produzem novos modos de dizer e de existir. O equilíbrio entre língua e gênero, nesse cenário, não se realiza pela estabilidade, mas pela mobilidade de sentidos que elas criam. Ao fazerem da linguagem um lugar de passagem e de invenção, essas mulheres mostram que é no entre – entre-línguas, entre-mundos, entre-discursos – que o sujeito migrante se constitui como sujeito de resistência, memória e transformação.

9. Referências

ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000300015/1482> . Acesso em: 20 abr. 2024.

ASSIS, G. O.; SIQUEIRA, S. Mulheres emigrantes e a configuração de redes sociais: construindo conexões entre Brasil e os EUA. REMHU – **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. Disponível em:

<http://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/143/135> Acesso em: 17 abr. 2024.

ASSIS, G. O.; SIQUEIRA, S. Entre o Brasil e a Europa: brasileiras negociando gênero e raça nas representações sobre a mulher brasileira. **Cadernos Pagu**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/ttsdSYVDcgJfzjWwLKfNVCp/?format=pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. Trad. A. C. A. Lima. In: ANZALDÚA, G. Borderlands/La frontera. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 704-719, set./dez. 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo de sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BIZZOCCHI, A. **O universo da linguagem**: sobre a língua e as línguas. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 17 abr. 2024.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Lei de Migração. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm. Acesso em: 2 out. 2025.

CONGRESSO NACIONAL (Brasil). Relatório final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Emigração. Brasília, 2006. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/84600>. Acesso em: 18 set. 2025.

CORACINI, M. J. R. F. Discurso de imigrante: trabalho de luto e inscrição de si. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (org.). **Linguística aplicada**: suas faces e interiores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 83-100.

CORACINI, M. J. R. F. Entre adquirir e aprender uma língua: subjetividade e polifonia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 83-100, ago./dez. 2014.

CORACINI, M. J. R. F. **Identidade e discurso**. 1. ed. Campinas, SP: Argos, 2003.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009. (Obra original de 1981).

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FLORÊNCIO, A. M. G. **Análise do discurso**: fundamentos & práticas. Maceió: Edufal, 2009.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). Trad. E. Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LUCAS, R. B. Valorações de imigrantes brasileiros retornados dos Estados Unidos sobre suas práticas de língua. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 30. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4041/pdf>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MARGOLIS, M. L. **Goodbye, Brazil**: emigrantes brasileiros no mundo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 17 abr. 2024.

MOREIRA, J. S. **Violência contra migrantes no México**. Goiânia: Editora UFG, 2016.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios & procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PEIXOTO, M. R. B. S. A língua inglesa no terceiro setor: adolescência, gênero e vulnerabilidade social no confronto com a língua-cultura do outro. Dissertação. Campinas: Unicamp, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/988095>. Acesso em: 25 nov. 2024.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org.). **Língua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 213-220.

SAYAD, A. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.